

TRADUÇÃO ÉTICA E DA LETRA DE UM ARTIGO CIENTÍFICO DO PORTUGUÊS PARA LIBRAS¹

André Luiz Silva Dantas²

Universidade Federal do Pará

Resumo:

Este artigo apresenta um recorte de meu Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (DANTAS, 2012), qual seja, uma tradução comentada de um artigo científico do português para Libras em vídeo-registro baseada na teoria de tradução de Antoine Berman (2007). O objetivo dele é apresentar a parte da monografia que descreve decisões tradutórias *éticas* e *da letra* utilizadas naquela tradução.

Introdução

Segundo Berman (2007), *tradução* não é apenas um processo comunicativo de transferências de mensagens entre uma língua de partida e uma língua de chegada. Para o autor, qualquer tradução implica numa relação ética, ou seja, numa “postura do homem em relação a si mesmo, aos outros, ao mundo e à existência” (BERMAN, 2007, p.67).

Berman, ao defender e conceituar *tradução ética* e *tradução da letra*, vai de encontro à tradição da tradução, então vigente, que estaria pautada exatamente no contrário, em traduções *etnocêntricas* e *hipertextuais*.

De acordo com ele:

Etnocêntrico significará aqui: que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura (Ibid., 2007, p.28).

Hipertextual remete a qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, ou qualquer outra espécie de transformação formal a partir de um outro texto já existente (Ibid., 2007, p.28).

Sobre o artigo traduzido

¹ Trabalho aprovado para o 4º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa na modalidade Pôster ao eixo temático Tradução/interpretação de Língua de Sinais: Ética.

² Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais da Universidade Federal do Pará.

O artigo que traduzi é intitulado *Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos*, de autoria da Prof. Dra. Ana Regina e Souza Campello (CAMPELLO, 2007). É uma publicação do campo interdisciplinar dos Estudos Surdos. A linguagem empregada no artigo é majoritariamente a linguagem científica de registro formal, utiliza vários códigos próprios dessa área do conhecimento, apesar de, na maior parte da introdução, utilizar linguagem literária e de registro coloquial, descrevendo a situação de um diálogo entre professores de uma escola.

A função comunicativa do artigo de Campello é principalmente introduzir a discussão de um novo tema dentro do campo de pesquisa da Educação de Surdos, o tema da Pedagogia Visual, que, segundo a autora, ainda não recebeu a atenção devida.

Resultado

Abaixo serão descritas algumas decisões tradutórias que contribuíram para que a tradução empreendida fosse *ética* e da *letra*. Algumas dessas escolhas foram baseadas nas propostas normativas para artigos científicos da Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras³, outras são diferentes das regras propostas por essa revista. No entanto, objetivou-se que os critérios para todas essas escolhas fossem orientados pela teoria bermaniana de *tradução ética*.

a) Divisão do texto entre cenas

Sobre os cortes de cena, eles ocorrem em minha tradução: quando uma seção do artigo termina e outra se inicia. Também faço cortes entre o título das notas e as notas, e entre as notas entre si.

b) Divisão do texto em cores de camisa do tradutor

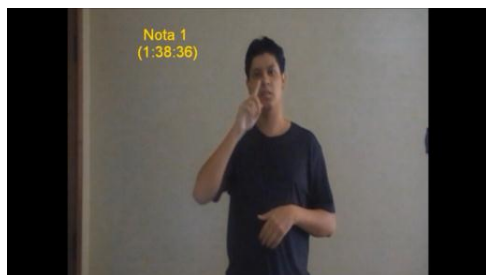
Para as citações extensas (a única no artigo é a epígrafe), a cor vermelha; para o texto principal, a cor preta; e para as notas, a cor azul.

c) Nota de rodapé: notas do autor e notas do tradutor

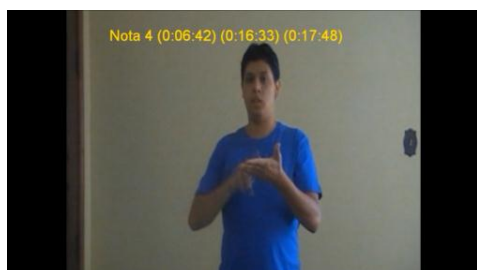
As referências das notas no corpo do texto são indicadas com legenda no canto superior esquerdo durante a sinalização do sinal ou expressão a que se referem. Nessa legenda a

³ Disponível em: <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>. Acessado em: 8 de outubro de 2014.

palavra “Nota” é acompanhada de sua numeração e entre parênteses do tempo no vídeo em que ela é apresentada ao final do corpo do texto.



As notas propriamente ditas são apresentadas ao final do corpo do texto e antes das referências. Elas são divididas por cortes e na sua apresentação aparece a legenda no canto superior esquerdo com o texto de “Nota” com o seu respectivo número e também entre parênteses o tempo no corpo do texto em que aparece o sinal ou a expressão a que fazem referência.



d) Palavras ou expressões entre aspas ou em itálico

Palavras ou expressões entre aspas ou em itálico, quando sua tradução é simples, aparecem como sinais entre aspas, com esses símbolos nos cantos superiores do vídeo. Quando sua tradução é complexa, aparece apenas a palavra na legenda e entre aspas, ao mesmo tempo em que sua tradução é sinalizada. Essas mesmas regras valem para expressões entre aspas.



e) Citação sem formatação diferente

Quando a citação é direta (com o uso das aspas) inseri o símbolo de aspas no canto superior esquerdo e no canto inferior direito do vídeo, juntamente com a referência bibliográfica

(quando houve) em legenda do início ao final sinalização da citação. Quando a citação é indireta apenas a referência bibliográfica aparece na legenda durante a sinalização tal como está no texto fonte.



f) Citação extensa (com formatação diferente do texto)

Nesse caso, apresenta-se um corte e camisa de cor diferente (vermelha), a única citação desse tipo no artigo em questão é a epígrafe.



g) Provérbios

Traduzi os provérbios do português para Libras mantendo sua literalidade e inserindo uma nota explicativa ao final.

h) Fala de Mauro

Em um dos trechos do artigo, a autora narra uma conversa na sala dos professores. Dentro desse trecho, acontece de a professora surda Bianca, quando o professor Mauro chega e fala inesperadamente, tentar “pegar as frases ditas por Mauro sem entender” (CAMPELLO, 2007, p.103), ou seja, fazer leitura labial. No texto de partida, aparece escrita a fala do professor, e em seguida, é dito que a professora tentou, mas não obteve sucesso na leitura labial. Em seguida, é dito que ela pediu ao intérprete que estava ali que traduzisse a fala do professor. A partir daí subentende-se que o intérprete fez isso, e ela compreendeu a fala. Ao traduzir esse trecho, decidi apresentá-lo no vídeo duas vezes: primeiro oralizando tal e qual o professor o fez, sem usar nada de Libras (atentando ao fato de que o vídeo da tradução é sem qualquer tipo de áudio). Então, quando Bianca pede ao intérprete que traduza, apresento a fala uma segunda vez, agora em Libras.

Discussão


a) Educação à estranheza

Para traduzir a *letra* do artigo, foi necessário utilizar na tradução em vídeo-registro, códigos específicos da escrita do português, mais especificamente da linguagem científica, incluindo transcrições diretas em legendas de referências de citações, conceitos referenciados ou mesmo conceitos de tradução complexa.

Berman, ao discorrer sobre o foco da tradução na comunicação, diz que é evidente que o tradutor tenha certa preocupação com a “legibilidade” da tradução que realizará, porém, ele diferencia no caso de textos científicos, a *vulgarização* da *popularização*. O primeiro termo consistiria em facilitar tanto a compreensão do texto pelo público-alvo, que, como resultado, obter-se-ia uma desfiguração desse texto, e o público-alvo passaria a ser enganado. Berman defende que a popularização seria diferente, consistiria na tentativa de uma “transmissão que responde ao mesmo tempo à natureza desta língua [no caso, a língua científica] e às possibilidades de compreensão do público não-científico” (BERMAN, 2007, p.66), ou seja, ao que ele chama de *educação à estranheza*.

Em artigos científicos escritos de línguas orais, alguns símbolos, como aspas e parênteses, são usados no texto para fornecer alguma informação ao leitor. Porém, quando esse texto é lido, em voz alta ou não, geralmente esses símbolos são visualizados, mas não são lidos, a não ser em situações especiais, e mesmo assim, lidos, eles soam estranhos. Por isso, no caso de citações curtas e sem formatação diferente, inseri o símbolo de aspas no vídeo durante a sinalização. Penso que assim, foi mais prático traduzir essas citações sem fazer muitos cortes, o que poderia prejudicar a legibilidade da tradução. Também dessa forma, utilizo o mesmo código linguístico científico presente no original, mantendo assim sua *estranheza*.

As mudanças nas cores de camisa representam as mudanças significativas na formatação do texto (tamanho da fonte e espaçamento) com exceção dos títulos que em Libras são

tradicionalmente sinalizados após este sinal .

b) O uso das notas do tradutor

Apoiado na crítica de Berman à tradição de tradução que postula que “deve-se traduzir a obra estrangeira de maneira que não se ‘sinta’ a tradução” (BERMAN, 2007, p.33), utilizei várias

notas do tradutor que tornam visíveis que aquele texto se trata de uma tradução e não de um original. Essas notas contribuem para a *educação à estranheza* proposta por Berman, pois explicam algumas decisões tradutórias e contribuem para compreensão de aspectos culturais inerentes às duas línguas.

Inserir a referência do tempo do vídeo junto às notas foi outra decisão em favor da legibilidade, visto que no vídeo não há uma divisão do texto em páginas, por isso fica mais fácil localizar uma nota, quando se sabe em que momento do vídeo ela aparece.

c) Tradução de provérbios e da fala de Mauro

Traduzi os provérbios do português para Libras mantendo sua literalidade e inserindo uma nota explicativa ao final. Assim, “são os ossos do ofício”, “isso é uma mina de ouro” e “devolver na mesma moeda”, não tiveram seus elementos metafóricos peculiares apagados em favor de um suposto “sentido” primordial, mesmo que em uma leitura (ou visualização, por se tratar de um vídeo) inicial cause estranheza ao público surdo. A nota vem, nesse caso, para amenizar essa estranheza e permitir uma aproximação dela, oferecendo uma “tradução do sentido”, que contribui para o entendimento, mas não substitui o provérbio original.

Sobre os idiotismos, que são expressões peculiares de determinada língua (provérbios, locuções etc) Berman defende que:

ainda que o sentido seja idêntico, substituir um idiotismo pelo seu equivalente é um etnocentrismo que, repetido a grande escala, levaria a absurdidade...As equivalências de uma locução ou de um provérbio não os *substituem*. Traduzir não é buscar equivalências. Ademais, querer substituí-las significa ignorar que existe em nós uma *consciência-de-provérbio* que perceberá imediatamente no novo provérbio, o irmão de um provérbio local. (BERMAN, 2007, p.60)

Na tradução da fala de Mauro, a oralização explícita no vídeo sem o áudio, trás à tradução a *letra* do texto fonte e evidencia de maneira direta a “diferença cultural” entre surdos e ouvintes, transmitindo a dificuldade que Bianca teve em realizar a leitura labial.

Essa escolha foi orientada pela conceituação de Berman de tradução como relação ética em que: “o ato ético consiste em reconhecer o Outro enquanto Outro”, “acolher o Outro, o Estrangeiro, em vez de rejeitá-lo ou tentar dominá-lo” (ibid.,p.68). O autor esclarece que este ato não é imperativo, ou seja, não acontece necessariamente, e sim deve partir da livre iniciativa do Eu para com o Outro. Por isso, metaforicamente, a tradução ética seria o “albergue do longínquo” (ibid., p.69).

Conclusão

Esse artigo apresentou, portanto, decisões tradutórias, realizadas durante uma experiência de tradução entre o par linguístico português/Libras em vídeo-registro que se propôs *ética e da letra*. Essas propostas devem ser discutidas como parte das reflexões de como realizar traduções *éticas e da letra* em línguas de sinais, a fim de que tanto ouvintes quanto surdos possam ter contatos mais profícuos e respeitosos com a cultura um do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*. [trad. Marie-Helene Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini]. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos*. In: QUADROS, Ronice M.; PERLIN, Gládis. (org.) *Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

DANTAS, André Luiz Silva. *Tradução Comentada: Pedagogia Visual / Sinal na educação de surdos- Ana Regina e Souza Campello*. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Letras-Libras. Belém: Universidade Federal de Santa Catarina. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras*. Disponível em:< <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>>. Acessado em: 15 de junho de 2012.